

QUAL A INFLUÊNCIA DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS NA ECONOMIA BRASILEIRA?

(1) *Aluno: Rita de Cássia Mateus* (2) *Orientador: Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira*

(1) Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba – Av Shishima Hifumi, 2911 Urbanova - 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – e-mail: rita.mateus@embraer.com.br

(2) Professor Assistente Doutor - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA - Universidade do Vale do Paraíba Av. Shishima Hifumi, 2911 Urbanova - 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – e-mail: edsonaqa@universiabrasil.net

Palavras-chave: Tecnologia, Brasil, Transnacionais

Área de Conhecimento: VI - Ciências Sociais Aplicadas

Resumo - As empresas transnacionais que operam em países emergentes, embora não realizem atividades inovadoras, necessitam acompanhar, de perto, os padrões tecnológicos de seus pares internacionais. Por isso, realizam despesas em algumas atividades inovadoras complementares e adquirem externamente as tecnologias mais de ponta. Assim, a presença numérica tão significativa das grandes corporações mundiais constitui, para o país, potencialidade competitiva bastante singular quando comparada a outros países, com estágios tecnológicos semelhantes aos do Brasil. Neste trabalho será desenvolvida uma melhor compreensão do comportamento tecnológico das empresas transnacionais em operação no país.

Introdução

As mudanças tecnológicas e o avanço da internacionalização da economia brasileira, derivado dos processos de abertura, das fusões e aquisições e das privatizações, foi um fato de grande importância na década de 1990, resultando na transformação do modelo de crescimento e na abertura da indústria brasileira à competição internacional.

As grandes empresas industriais de capital nacional passaram a adotar medidas visando enfrentar a concorrência com as empresas estrangeiras, renovando os equipamentos de suas instalações na tentativa de atingir melhores níveis de produtividade e adequar a sua linha de produtos para atingir escalas mais compatíveis com a dos concorrentes estrangeiros.

Na abordagem da internacionalização produtiva da indústria brasileira, podemos ver a relação entre o investimento direto estrangeiro, abertura e crescimento, abertura comercial e coeficientes de conteúdo importado na indústria brasileira, padrões de integração comercial das filiais das empresas transnacionais e a inserção internacional das grandes empresas nacionais.

Estratégia das Empresas Transnacionais

A estratégia das transnacionais é baseada na idéia de eficiência global, que

consiste em utilizar as regiões economicamente mais produtivas para suprir as regiões mais populosas, como exemplo a China. Com esse procedimento, as transnacionais procuram também diversificar as suas cadeias de oferta.

Elas atuam em ambas as regiões. Segundo as suas próprias previsões, as regiões mais populosas apresentam perspectivas de crescimento da renda.

As estratégias são também com relação ao mercado do Mercosul, verificando as suas potencialidades, principalmente em informática, equipamentos de telecomunicações, produtos automotivos, químicos, alimentos e bebidas.

As Empresas Transnacionais no Brasil e sua influência

As empresas transnacionais instaladas no Brasil investem em capacitação, trazendo investimentos externos, inovação tecnológica, novos produtos condizentes para mercados mais dinâmicos e modernização das empresas locais. Além disso, há um crescimento da participação do capital estrangeiro na economia brasileira.

É o grupo que apresenta melhor performance inovativa. O tamanho das empresas também influencia no desempenho tecnológico.

O desenvolvimento tecnológico é fundamental para a competitividade das empresas, especialmente em setores

dependentes da inovação como por exemplo o setor de telecomunicações. E, na busca por melhores condições para o desenvolvimento tecnológico, cada vez mais, pesquisa e desenvolvimento nas companhias globais são realizados por equipes localizadas em diferentes países.

A participação ativa de vários países no Desenvolvimento Global de Produtos (DGP) pode possibilitar o crescimento desses países, uma vez que, para estarem inseridos no desenvolvimento mundial, eles recebem investimentos locais para se capacitarem.

As empresas transnacionais são integradas ao comércio mundial através das demais filiais da corporação ao redor do mundo, o que lhes dá acesso facilitado a um número de mercados muito maior do que os acessíveis às empresas domésticas. Além disso, estas empresas podem desfrutar de economias de escala provenientes da maior especialização de suas filiais, podem aproveitar as dotações de fatores diferenciados dos países em que atuam, têm acesso facilitado a novas tecnologias e, ainda, dispõem de capital a custos mais baixos do que suas congêneres unacionais.

Por isso as transnacionais têm se tornado uma força cada vez mais influente na determinação dos padrões de comércio entre os países. Sua atuação no espaço doméstico é capaz de influenciar os fluxos comerciais do país hospedeiro, que ficam sujeitos a seus determinantes específicos além dos fatores tradicionais de competitividade.

As estratégias comerciais e financeiras das empresas estrangeiras são altamente sensíveis às expectativas e sinais gerados pela política econômica. Justamente em função do seu maior acesso aos mercados externos, possuem uma capacidade de resposta maior aos sinais macroeconômicos, particularmente aqueles relacionados às taxas de câmbio e de juros.

Compreende-se, assim, porque no período de forte valorização do real tenham aumentado proporcionalmente mais suas importações do que as exportações, contribuindo para agravar o déficit da balança comercial, contrariamente ao que os defensores ideológicos da abertura e da desnacionalização esperavam.

A presença marcante das filiais estrangeiras, por exemplo, em setores do complexo eletrônico (telecomunicações, informática, bens eletrônicos de consumo), na farmacêutica, na automobilística-autopeças, nos eletrodomésticos, em maquinaria agrícola e em equipamentos elétricos permitiria explorar oportunidades extraordinárias em projetos de substituição de importações combinados com firme componente exportador.

Para isso, porém, a política brasileira deveria criar condições de suporte para que a filial brasileira ganhe importância, aprofunde suas funções de desenvolvimento tecnológico e obtenha mandatos para fornecimento global de

produtos - extrapolando a sua vocação hoje restrita ao Mercosul ou à América do Sul.

As filiais das transnacionais deveriam ser encaradas como parceiras da política industrial na reversão dos elevados déficits comerciais nos importantes setores em que têm participação expressiva. Há que refletir sobre os meios e instrumentos adequados à concretização dessas parcerias. Esta é uma opção - não exclusiva - que parece ser rápida e eficaz para a criação de um superávit comercial elevado nos próximos anos.

Em todo o mundo, 60% das exportações são feitas pelas multinacionais. No Brasil, elas respondem por 45% e como estamos abaixo da média, há um espaço para que essa participação cresça.

As empresas estrangeiras exportam 70% a mais do que exportam as empresas nacionais. Mas, por outro lado, as estrangeiras importam 290% a mais. Este resultado chega a uma conclusão interessantes sobre o papel das empresas transnacionais na economia brasileira, especialmente quando o novo governo se empenha em formular uma política industrial inovadora, voltada para ampliar e sustentar o superávit da balança comercial.

O peso das empresas transnacionais no Brasil é expressivo: segundo o Banco Central, em 1995 estavam instaladas no Brasil mais de 4.902 subsidiárias de empresas transnacionais (de um total de 6.322 empresas com participação acionária do capital estrangeiro). Um elemento importante que merece análise é o impacto do processo de fusões e aquisições em curso na economia internacional (UNCTAD, 1998). O Brasil é um país onde a repercussão desse processo é importante. Foram noticiadas na imprensa um total de 2.527 transações envolvendo fusões e aquisições no Brasil.

Na década de 90 as transnacionais corresponderam, em média, 85% do total. Os 15% restantes referiam-se a residentes brasileiros, o que traduz a debilidade do desempenho da inovação tecnológica nas empresas de capital nacional.

A definição do ranking das 100 maiores transnacionais instaladas no Brasil é baseada no total de ativos que as empresas mantêm no exterior. Na Tabela 1 mostra-se os setores e as 69 transnacionais que registraram patentes de não-residentes no INPI (no período entre 1988 e 1996), depositando um total de 11.087 patentes.

Tabela 1 – Patentes das Transnacionais

Setor	Empresas	Subsidiárias-92
		Total
Bebidas	3	136
Mat. Construção e Vidro	2	9
Químicos	10	3568
Comp. E Mat. Escrit.	5	1037
Eletrônicos, Equip. Eletro.	12	1317
Engenharia. Construção	1	23
Entretenimento	1	0
Alimentação	5	1135
Prod. Papel e Florestais	1	16
Mercadorias em Geral	1	0
Equip. Indus. E Agrícola	3	90
Metal	1	33
Mineração, Extr. Petróleo	2	2
Automóveis e autopeças	15	1002
Refino de Petróleo	13	959
Farmacêuticos	6	682
Impressão, editoração	1	0
Prod. De Borracha e Plásticos	2	23
Sabão e Cosméticos	1	825
Telecomunicações	5	26
Tabaco	2	69
Comércio- Trading	6	135
Serv. Públ., Gás e Eletricidade	1	0
Diversos	1	0
Total	100	11087

Fonte: UNCTAD (1998), GUIA INTERINVEST (1992), INPI, elaboração própria.

Impactos do Processo de Globalização e as Transnacionais no Brasil

À medida que a globalização se intensifica, o jogo neste setor também é cada vez maior. "As unidades brasileiras precisam ter escala maior para serem mais competitivas. Mas para isso é preciso mobilizar mais capital".

O capitalismo internacional usará o Brasil como "local privilegiado" para aqui fazer o seu "porto seguro". Produtores de grãos americanos comprarão cada vez mais terras no Brasil e daqui enviarão para o mundo. Produtores de veículos farão o mesmo. E todos os setores utilizarão o Brasil como uma "base" para seus interesses internacionais. Por quê? Porque o Brasil é um País neutro, pacífico, fora das contendas internacionais étnicas ou fundamentalistas. É um País pacífico, cristão, de um povo simples e cordial como dizia Sérgio Buarque de Holanda e de um povo "tolerante" como afirmava Gilberto Freyre.

Além de tudo que recebe, como nenhum outro país do mundo, os estrangeiros de braços abertos. No Brasil temos o instituto da "dupla nacionalidade" que poucos países aceitam. Consideramos "brasileiros" os que nascem em nosso solo e não classifica-se as pessoas pelo sangue. Ficamos orgulhosos quando sabe-se que a Volkswagen "brasileira" exporta "nossos produtos" para o mundo inteiro. Considera-se o "Gol" brasileiro e não "alemão". O mesmo tratamento recebe os carros Chevrolet exportados para o mundo como "brasileiros" e não "americanos".

Nos Estados Unidos, qualquer Toyota é japonês e não americano. Um Honda é sempre japonês, embora fabricado no solo americano. Produtos "Made in Brazil" não têm qualquer restrição política ou fundamentalista no mundo.

No último mês de julho o Brasil recebeu investimentos diretos em valores superiores a todos os últimos meses.

Os jornais noticiam estrangeiros comprando entidades de ensino superior – faculdades, universidade no Brasil. O Departamento de Agricultura dos EUA (Ministério da Agricultura) diz que o número de plantadores de grãos americanos interessados em comprar terras no Brasil tem crescido exponencialmente.

Porquê? De repente, será visto a OMC aceitar todas as exigências "brasileiras" com relação ao comércio internacional. E a razão será que mais de 50% desses produtos "brasileiros" serão produzidos aqui pelo capital internacional. A soja "brasileira" será das Cargil, dos Bunge, das Monsanto, entre outros. Nossos veículos invadirão o mundo – todos "brasileiros" produzidos pela Daimler-Chrysler, General Motors, Toyota, Renault, entre outras.

Assim, o capital judeu, por exemplo, encontrará a cada dia mais no Brasil um porto seguro para investir.

Já se disse inúmeras vezes que o “melhor produto do Brasil é o brasileiro”. Executivos do mundo todo que viajam sem parar, dariam tudo para ter um passaporte brasileiro. Empregos e renda serão gerados para o Brasil. Será que algum brasileiro quer que a Volkswagen deixe o Brasil? Que a Danone ou Parmalat ou Nestlé vão embora do Brasil; que a Eletrolux ou a Philips nos deixem? Ou que as marcas Brastemp e Cônsul (Whirlpool – americana) ou Walita (Philips – holandesa) ou Arno (SEB – francesa) deixem de existir como “brasileiras”?

Conclusão

Chega-se à conclusão que as transnacionais representam a decadência do capitalismo na atual fase do capitalismo, é preciso afirmar não só que as transnacionais se beneficiam das oportunidades abertas pelas múltiplas operações financeiras que estão a sua disposição, mas que essa impõe uma nova dinâmica ao conjunto do seu processo de valorização e, mais do que isso, que há de fato um processo de substituição.

Para continuar a crescer o Brasil deve se lançar em força nos mercados dinâmicos internacionais de manufaturas intensivas de capital e tecnologia. A divergência surge quando sustento que nesse novo modelo as filiais das empresas multinacionais (EMN) instaladas no Brasil não podem desempenhar papel relevante porque, para isso, teriam de concorrer com suas matrizes.

Referências Bibliográficas

<http://www.sobeet.com.br/pagpesquisa.htm>

<http://www.mj.gov.br/noticias/2004/junho/RLS150604-mercosul.htm>

<http://www.receita.fazenda.gov.br/aduana/BrasilChina/comercio.htm>

<http://ideas.repec.org/p/cdp/texdis/td134.html>

<http://www.brasildefato.com.br/?page=noticia¬icia=257>

<http://www.espacoacademico.com.br/020/20cbenayon.htm>

http://www.economiabr.net/economia/5_multinacionais.html

Revista da Economia – Maio-Junho/87